

**OS RISOS EM APARÍCIO TORELLY,
O BARÃO DE ITARARÉ**

Mary Stela Surdi (UNOCHAPECÓ)

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é analisar um conjunto de propriedades lingüísticas presentes nos textos humorísticos do *A Manha* de Aparício Torelly. Esse jornal circulou no Rio de Janeiro nas décadas de 20, 30 e 40. Torelly foi jornalista, intelectual e político, mais conhecido como Barão de Itararé ou Apporelly. O humor do Barão se destaca e se diferencia do que era produzido em sua época pela originalidade e criatividade, capazes de construir um humor anárquico e revolucionário, no qual suas convicções político-sociais denunciavam os difíceis tempos vividos durante a República Velha e o Estado Novo.

Tais propriedades constituem condições necessárias e suficientes para elaboração da piada. No entanto, não se desconsideram os contextos – histórico, social, político e cultural – necessários para a compreensão do humor, pois os textos de Apporelly pressupõem conhecimentos compartilhados, além de pré-requisitos enciclopédicos e estão em constante diálogo com a realidade. São marcados pela intertextualidade, o que implica constantes inferências. Assim, a orientação pragmática apóia a leitura, mas é o texto que constrói o riso em espaço semântico próprio e com lógica singular.

PREPARAR, APONTAR, RISO - QUAIS SÃO AS ARMAS?

Homonímia

Na homonímia, supõe-se que não há entre as diferentes significações da mesma expressão núcleo comum, nem mesmo continuidade, o que torna impossível, ao mesmo tempo, explicá-las uma pelas outras e derivá-las todas de uma significação fundamental:

(1) Maioria absoluta (...) A maioria para ser absoluta há de ser obrigatoriamente especificada. Assim, quando se fala em maioria de “três quartos” é necessário estabelecer previamente as condições desse quartos, que podem ser com ou sem mobília (...) A maioria absoluta de “três

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

quintos”, há da mesma forma, que ser bem definida, estabelecendo-se se esses três quintos são de vinho para festejar a vitória (...) Finalmente, não é possível deixar sem uma definição o legítimo significado da expressão “maioria absoluta de cinco sextos”. Esses “cinco sextos” podem ser interpretados como “cestos” e, neste caso, ainda será necessário esclarecer se esses cinco cestos são vazios ou cheios de verduras e frutas. (28/11/1950:2)

Na tentativa debochada de definir o que é *maioria absoluta*, o conceito é relativizado, criando-se escalas. Na especificação de cada escala é que ocorre a homonímia: a análise incide sobre a escrita por extenso dos numerais fracionados, a noção de quantidade é ignorada e considera-se outra possibilidade de sentido para continuação do raciocínio.

(2) Há um ano atras- Mostramos que os fatos revelaram o temperamento agrícola do Sr. Getúlio Vargas. Durante nada menos do que quinze anos ele cuidou da administração de uma grande fazenda - a Fazenda Nacional; depois premido pelas circunstancias, recolheu-se a uma fazenda - a fazenda de Santos Reis. (7/11/1946:2)

Com uma pitada de ironia, a *Fazenda Nacional* deixa de representar as finanças públicas e passa a ser uma grande propriedade rural, na qual Getúlio revelou seus talentos. Era comum, na época, comparar a administração pública à administração privada, lembrando que os governantes, muitas vezes, esquecem-se de que não são donos do país, e governam como se fossem.

POLISSEMIA

Parte-se do princípio de que a polissemia se caracteriza por manter, entre os termos envolvidos, determinados traços semânticos, formando cadeias de significação:

(3) O deputado Pinto da Rocha cá fará uma impurtante cumferencia interrrogatiba, científica e imbistigadoira, a respeito do plublema: É o obo que descende da gallinha ou é a gallinha que descende do obo?

O oradoire exgoutará o assumpto e alguns copos d'água, prumetendo resulvore u caso, que considera quasi como um queschtáon de femfilia. (13/5/1926:5)

O recorte acima apresenta o que Fillmore (1982) chama de polissemia lexical. Caracteriza-se em vocábulos que apresentam traços semânticos distintos quando usados em diferentes contextos. As-

DEPARTAMENTO DE LETRAS

sim, temos:

(a) esgotar o assunto, correspondendo a tratar inteiramente de um assunto: esgotar₁

(b) esgotar alguns copos d'água, correspondendo a consumir o conteúdo até o fim: esgotar₂

Esgotar, em (a), relaciona-se ao ato de desenvolver e falar sobre determinado assunto, de modo que se chegue até suas conclusões. É realizado unicamente por seres humanos. O sentido de *esgotar*₁ pressupõe capacidade intelectual para racionalizar pensamentos e expor idéias.

Em (b), *esgotar* designa ação que envolve o consumo de determinado conteúdo e pode ser realizada tanto por humanos como por animais, divergindo da acepção em (a). No entanto, certas similaridades são mantidas, pois ambos denotam ação na qual se chega até o final do conteúdo: em (a), o conteúdo é abstrato, realizado por seres [+ humanos] e em (b), é concreto, realizado por seres [± humanos].

Ao empregar um verbo polissêmico, o falante elege um sentido como o mais central; é esse sentido que será usado para ilustrar a ação, quando solicitado. A comicidade do recorte acima tem como gatilho a palavra *esgotar*, apontada como categoria polissêmica. Itararé explora dois sentidos possíveis e relaciona-os ao mesmo fato e contexto, mostrando seqüência de idéias de alguma forma contraditórias ou antitéticas quanto à concretude do que se esgota.

(4) Justo apello

A propósito da notícia de que “A Notícia” ia levantar uma campanha para levantar um monumento à Mãe Preta, recebemos a seguinte missiva: (13/5/1926:3)

Temos:

(a) Levantar campanha, correspondendo a conseguir dinheiro: levantar₁

(b) Levantar monumento, correspondendo a edificar: levantar₂

Aqui, a polissemia verbal permite certo jogo de palavras, em que determinada ação terá como consequência outra. Em outras pa-

lavras, pode-se estabelecer relação de implicação entre os termos da oração: “Se *A Notícia* levantar campanha, então, levantará um monumento”:

Note-se que a frase começa com a repetição que produz efeito peculiar na leitura de *a notícia*:

- a notícia, como fato informado.
- *A Notícia*, como nome próprio, designando um jornal específico.

O mecanismo de aproveitar um termo ambíguo, usando ao menos duas acepções na mesma sentença, unidas por conjunção ou disjunção, mostra-se recorrente na técnica de humor do Barão.

METÁFORA

A metáfora no texto humorístico aparece, geralmente, como recurso para emissão de opiniões e julgamentos acerca de pessoas e situações. Utilizando expressões já cristalizadas e de domínio público, a figura que se cria com a metáfora obriga ao leitor a inferir o que o escritor realmente quis dizer. Ao perceber que o enunciado é defeituoso na sua literalidade, o leitor procura por possíveis sentidos que lhe permitam substituí-lo por outro correspondente às intenções do autor. É interessante ressaltar que essa busca de sentidos com releitura do enunciado não constitui meramente atividade parafrástica, percebe-se que a metáfora é algo intrínseco ao enunciado e à enunciação e que, sem o uso da expressão metafórica, não se reproduz o conteúdo semântico desejado e compreendido.

Em 9 de janeiro de 1930, quase dois meses antes da eleição para escolha do Presidente da República, *A Manhã* comunica que *Júlio fará importante leilão*:

(5) Com autorização do illustre inquilino do Cattete, que se retirará em mudança definitiva no dia 15 de novembro próximo, o Júlio venderá, ao correr do martello, em público leilão, diversos aparelhos de gymnastica, halteres, paralellas, trapézios, pesos, sandows e outros acessórios, para manter o braço forte. (9/11/1930:4)

Para entender esse estranho leilão é necessário contextualizar as referências que são dadas e dar interpretação metafórica à expres-

DEPARTAMENTO DE LETRAS

são grifada:

(a) *illustre inquilino do Cattete*: o então Presidente da República, Washington Luiz, que morava na residência oficial do governo;

(b) *o dia 15 de novembro próximo*: dia da posse do presidente a ser eleito em 01 de março;

(c) *o Júlio*: um dos candidatos, Júlio Prestes. O outro é Getúlio Vargas;

(d) *aparelhos de gymnastica (...) para manter o braço forte*: poder-se-ia pensar que o sentido a ser mantido é o literal, mas não é o que acontece.

As referências mostram que o se quer dizer com *braço forte* não tem relação com musculação e sim com o regime de governo vigente. *Braço forte, mão de ferro e rédeas curtas* são termos que metaforizam a idéia de autoritarismo político. É interessante observar que, após a reeleitura proposta para *braço forte*, pode-se repensar o texto como ambíguo. Essa ambigüidade decorre do fato de ser possível retirar a ironia (ou efeito irônico), mantendo a literalidade dos fatos. Isto esquematiza-se assim:

- (i) braço forte + literalidade = musculação
- (ii) braço forte + metaforização = autoritarismo
- (iii) literalidade + metaforização = ambigüidade

Encontra-se aí uma estrutura que Roland Barthes (1980) associa aos mitos contemporâneos: a situação em que se designa um evento ou objeto sem deixar inteiramente de designar outro evento ou objeto. No texto do Barão, o resultado não é, como no mito, inocentar ou irresponsabilizar o enunciado; pelo contrário, é revelar a essência ambígua dos fatos por detrás da ambigüidade das palavras.

(6) Hoje resolvi (Vaz Antão Luiz) escrever um artigo de fundo, mas desde já, adjuro os leitores para fixarem o fundo do artigo. Eleito para o cargo de presidente desta terra, plantada á beira do abysmo, venho sofrendo a guerra do silêncio- (*o silêncio é ouro*) (13/5/1926:3)

(7) O *urubu* é uma *galinha verde* de luto fechado. (19/6/1951:4)

Nesses casos, o primeiro termo destacado é o *domínio alvo*, aquele sobre o qual recai a metáfora e que necessita de estruturação

para efeitos de compreensão, e o segundo termo constitui o *domínio fonte*, o domínio conceptual bem estruturado. No processo de compreensão, a projeção metafórica - mapeamento que liga a fonte ao alvo - é motivada por correlações estruturais que ligam os domínios. O sentido humorístico, nos dois casos, pode ter-se perdido, com a mudança de contexto propiciada pela passagem do tempo. *Galinha verde* era o apelido dos integralistas, partidários do fascismo na década de 30; mas que referência terá *urubu*, em junho de 1951: será os que previam a morte da democracia, no início do segundo governo Vargas?

(8) Os grandes estadistas do momento são *como* a Torre de Pisa: São um pouco inclinados para a esquerda. (21/11/1945:4)

Através de comparação, o sentido de *esquerda* sai do campo de significação “lado oposto ao direito” e passa para “partidários de uma reforma ou revolução socialista” (dicionário Aurélio). A comparação parte do sentido literal usando exemplo concreto (a Torre de Pisa) e se torna ambígua quando o outro termo da comparação não corresponde ao mesmo sentido, mas a uma aceção não literal

A metaforização de *esquerda* encontra referências antigas: o *lado esquerdo* corresponderia ao *lado dos traidores*, o *lado do mal*. *Estar à esquerda é estar contra o que está vigente*, sinónimo de oposição, enquanto que *estar à direita é estar do lado do bem* o que só tem valor benéfico. Isso caracteriza uma sociedade baseada em mitos de destruição. Na Assembléia Nacional Francesa, durante a Revolução, sentavam-se à direita os nobres e, na extrema esquerda, os socialistas radicais.

Em política, fala-se em *esquerda revolucionária* e *braço direito do governo*, porém o inverso não, a não ser que se queira fazer humor...A direita simbolizaria a ordem, a estabilidade, a autoridade, a hierarquia, a tradição; a esquerda, a insatisfação, a reivindicação, o movimento, a busca da justiça social, a inovação e o risco. Esses esquemas simplificadores são imbricados na política real e não correspondem senão a fantasmas mobilizadores, mitos na mentalidade do eleitorado.

O texto tira sua comicidade do valor polissêmico de *esquerda*, a partir do sentido literal para o sentido metafórico. O jogo polissêmico favorece o humor, seja como produto de identidade de signifi-

DEPARTAMENTO DE LETRAS

cantes (homonímia) seja como resultado de diversidade de significados (polissemia). Através da ambigüidade, que permite mais de uma leitura, os interlocutores atualizam os diferentes sentidos e chegam ao efeito cômico.

(9) Dirigir o dinheiro público é uma sciencia tão facil; *como* a de caixeiro de armazem de seccos e molhados (27/10/1927:3)

(10) Num banco, uma ama com um menino a mamar com tanta força que *parecia* um deputado a fazer o mesmo no seio da representação nacional. (25/5/1928:8)

(11) Caravanas vascainas, com bandeiras e foguetes na mão. Caminhões, com bandas de musica. “Vascoooo!” *Parecia* comício de Prestes. (21/11/1945:8)

O humor que advém das estruturas comparativas baseia-se na surpresa introduzida pelo segundo termo, o comparante. É ele quem define os traços em comparação. A similaridade emerge de duas situações incongruentes; daí rir-se das associações inusitadas. Ao leitor cabe encontrar, entre as diferenças, algum traço em comum que aponte para a semelhança.

Pela análise procedida pode-se propor uma tipologia para as construções comparativas produzidas pelo Barão de Itararé, dividindo-as em dois grupos: as comparações crítico-risíveis e as comparações risíveis.

As comparações crítico-risíveis são as que revelam humor comprometido com as convicções ideológicas de Aparício Torelly; atingem tanto pessoas quanto organizações sociais. As comparações risíveis não possuem comprometimento crítico; sua função é fazer rir. Em ambos os casos pode-se identificar tema e comentário: o comentário serve para ‘comentar’ o tema, tanto de forma a qualificá-lo quanto a ridicularizá-lo. A escolha do termo comparante (comentário) é que funciona como gatilho que aciona o humor, pois tanto as propriedades a ele associadas quanto a quebra de expectativas provocam o cômico: o raciocínio que estava sendo desenvolvido, de repente, toma rumo inesperado ou absurdo.

PALAVRA INTEIRA E/OU DECOMPOSTA

O “outro discurso” é veiculado pela possibilidade de diferen-

tes pronúncias; diferentes formas de segmentação, possibilidade de pausa num caso e em outro não. Um exemplo aparece na primeira coluna da primeira página do exemplar inaugural do *Programma do dia*. Aí Apporelly mostra que seu objetivo é “careca como um busto em bronze de Rio Branco”; que, para ter êxito, é preciso:

(12) *arte...e...manha* para uma empresa *ta...manha*; que iniciará destas colunas gregas, grandes campanhas, que passarão para a história (como passou a campanha dos Canudos) e ganharemos os tubos... Não temos um Antonio Conselheiro, mas temos o Conselheiro Antonio Prado. *Com Prado e bem vendido*, este semanário irá longe, mantendo sempre uma linguagem elevada, para não misturar-se com a chamada imprensa *que...brada*.

As segmentações destacadas são visíveis quando se opera sobre o material escrito: *Prado* retoma o parágrafo anterior, no qual se brinca com os nomes do líder da campanha dos Canudos (Antonio Conselheiro) e do empresário e então prefeito do Rio de Janeiro (Conselheiro Antonio Prado). Com o nome *Prado*, que fica fora da primeira brincadeira, opera-se mais um jogo de palavras. Aqui, *Com Prado*, que poderia ser parafraseado por *Com a companhia do Conselheiro Antonio Prado*, substitui o verbo *comprado* - *Comprado e bem vendido*.... Caso o texto fosse apenas falado, a proposta de leitura que Apporelly sugere passaria despercebida, pois a diferença entre o que se fala e o que se quer realmente dizer só é verificável através da escrita. Ressalva-se que, na fala, enfatizando a segmentação, com pausa reforçada, a presença de duas, e não de uma palavra, talvez possa ser evidenciada, mas isso pressupõe habilidade de intérprete, não de leitor.

Apporelly aproveita a dupla possibilidade de compreensão e segue o texto, concordando com aquilo que se ouve, caso não se leia. *Bem vendido* segue a idéia de *comprado*, que não é dito, mas compreendido. O humor decorre do mecanismo que mostra duas leituras após a visualização dos termos escritos; acionam-se, assim, dois sentidos, num aproveitamento estilístico e humorístico do fenômeno do cacófato:

(1) *Com Prado e bem vendido*: com a companhia de Prado este semanário irá longe.

Conclusão: a presença do Conselheiro é fator positivo para o jornal.

DEPARTAMENTO DE LETRAS

(2) *Comprado e bem vendido*: com o auxílio dos leitores que comparem, o semanário irá longe.

Conclusão: a ajuda dos leitores é necessária para o sucesso do jornal.

Técnica semelhante aparece antes e depois do vocábulo analisado acima. Usando recurso gráfico das reticências (...) processa-se a segmentação de palavras: *arte...e...manha; empresa ta...manha e que...brada*. Em *que...brada*, tem-se, ao mesmo tempo, a palavra *quebrada* segmentada ou dois sintagmas distintos *que* e *brada*. A dupla leitura está ‘embutida’ nas reticências. Através delas, em uma única frase, pode-se ler:

(1) “para não se misturar com a imprensa quebrada”: eliminando as reticências tem-se uma só palavra, sinônima de *falida*. Então, para não misturar-se com a imprensa falida, *A Manhã* precisa ser comprada e bem vendida.

(2) “para não se misturar com a imprensa que...brada”: mantendo as reticências tem-se duas palavras, que equívalem a *que grita*. Usando linguagem elevada, *A Manhã* não quer se misturar com a imprensa que emprega linguagem panfletária ou de oposição.

Em outros números do jornal essa técnica se repete:

(13) A excursão do sr. Getúlio Dôr...nelles Vargas (09/01/1930:1)

A referência desta notícia é a campanha eleitoral à presidência da república, na qual Getúlio Vargas é candidato pela Aliança Liberal. Destaca-se a visita que Getúlio fez à redação d’*A Manhã*. No texto de 1930, o nome do *illustre candidato* é segmentado e mostra ou pressupõe os efeitos da campanha de Vargas sobre o outro candidato, Júlio Prestes, do Partido Republicano. Terá isto acontecido realmente? Se aconteceu, como parece indicar o *fac simile* de um manuscrito com a letra e assinatura de Vargas, terá o estadista cometido alguma tentativa de humor - este é o sentido da mensagem. Aporelly permanecerá em oposição a Getúlio por quase todos os 15 anos de seu governo, mas os dois jamais se deixaram de respeitar: entre 1945 e 1950, Vargas o cumprimentava carinhosamente nos corredores do Senado da República.

Nos casos acima, a segmentação faz com que outros sentidos

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

sejam inferidos, exemplificando o princípio de economia a que Freud se refere, pois se informa mais do que é dito. A graça está em perceber o que aparece entre as palavras.

Há, também, casos em que a palavra aparece inteira e decomposta, provocando falsa repetição dos termos:

(14 Nosso representante procura o sr. Arnaldo Guinle e *ouve* o que *houve* de *decisão de scisão* sportiva. (10/10/1929:7)

(15) O sport como um meio *de vêr são a diversão*. (10/10/1929:7)

(16) A *Manha* impressionada com a sorte do nosso football, entendeu de seu *dever, de vêr* o que se passava, *realmente*, na *real mente* do dr. Arnaldo Guinle. (10/10/1929:7)

(17) - É isso mesmo prosseguiu o sr. Guinle com calôr (32° *á sombra, assombram!*) Eu já sei que você vae perguntar porque o “Fluminense” não tem *team*: E chegando-se bem junto de nós segredou-nos qualquer cousa: - *Adivinhaes?* - *Ah! De Vinhaes!* repetimos, reticentes... (10/10/1929:7)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Manha*, um dos primeiros semanários políticos-humorísticos do Brasil, registra a singularidade e genialidade de um notável, porém, atualmente, desconhecido nobre de *letras vencidas e não pagas*, o Barão de Itararé.

Talvez, uma das razões, senão a principal, de o Barão ter sido esquecido se deva ao fato de que, como jornalista, não produziu uma “obra” que pudesse ser exposta longamente ou reeditada. Seus comentários falavam de fatos e pessoas de seu tempo. Muitas vezes, para serem compreendidos, dependem de conhecimento do contexto. O suporte era algo tão precívél como o pão das padarias ou a rosa dos namorados. O que permanece são fulgurações de permanência, momentos de generalização como as máximas, ou a maneira criativa de fazer humor, que se evidencia quando comparados os textos à realidade que os motivou.

O que se observa é que Apporelly escreve solto. Como fez sozinho o jornal, por vários anos, não tinha tempo para longas reflexões ou para revisões cuidadosas. Assim, ao lado de tiradas brilhantes aparecem outras um tanto quanto foscas. Comparando a lingua-

DEPARTAMENTO DE LETRAS

gem da *Manha* com a de outros jornais da época se percebe a diferença: A *Manha* era caricatura dos jornais da época e da própria época. O estilo de jornalismo utilizado pelo Barão marca época, mas nem por isso se consolida, só reaparecendo anos depois nos Estados Unidos, no *Mad*, de Harvey Kurtzman, e no *National Lampoon*. No Brasil, o *Pasquim*, de Ivan Lessa e Edélsio Tavares, segue estilo semelhante.

O Barão escreve com linguagem próxima àquela falada nas esquinas cariocas e resgata muitos ditos populares, publicando-os em seu jornal. A sabedoria popular tem a qualidade de sintetizar o pensamento e opiniões acerca dos fatos. O estilo “*itarareano*” de construção da matéria jornalística se dá por curioso processo de associação dos fatos a gírias, expressões populares e jogos de palavras. Nesses aspectos, faz lembrar Rabelais, que registra em sua obra a linguagem das ruas.

Em seu trabalho de jornalista-humorista, Apporelly chama a atenção para a linguagem como organismo vivo, em constante processo. Assim, brinca com os sentidos, usa o *nonsense* e o jogo de palavras, exhibe a extrema habilidade e consciência do produtividade das palavras. Em meio a fatos e versões, muitas vezes, o Barão subverte a realidade usando estratégias lingüísticas que deflagram aspectos antes despercebidos ou desconsiderados. O estilo itarareano baseia-se no uso e exploração dos possíveis sentidos das palavras; na construção e reconstrução léxicas, interferindo de modo criativo e renovador; na combinação de elementos, aproveitando a possibilidade de usar as mesmas palavras em situações diferentes e mostrando que a ordem dos fatores altera os produtos.

Os textos da *Manha* são perpassados, a todo instante, por *insights* lingüísticos - usos que vão além de combinações formais e que buscam na funcionalidade dos elementos da língua os efeitos risíveis. Percebe-se, nesses momentos, que o humor é a forma que desata coisas, que desfaz nós; os recursos que a linguagem dispõe para desatá-los são tão numerosos quanto os que existem para atá-los.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, R. *Mitologias*. Lisboa: Edições 70, 1980.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

- FIGUEIREDO, C. *As duas vidas de Aparício Torelly: O Barão de Itararé*. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- FILLMORE, Charles J. "Frame Semantics". In: *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982:111-138.
- KEMPSON, R. *Teoria semântica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- KONDER, L. *O Barão de Itararé*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- JANIK, A. *A Viena de Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- LAGE, N. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, 1979
- . *O texto de humor*. (mimeo), 1996.
- LYONS, J. *Semântica*. São Paulo: Martins Fontes, 1977
- PEROTTI, I. *Uma tipologia do discurso de humor (o político do humor e o humor político)*. Dissertação de Mestrado: UFSC, 1995.
- PONTES, E. *A metáfora*. Campinas: UNICAMP, 1990.
- POSSENTI, S. "Pelo humor na lingüística." *D.E.L.T.A.* 7, 2: 491-519, 1991.
- SEARLE, J. *Expression and meaning*. New York: Cambridge University Press, 1979.
- SSÓ, E. *Barão de Itararé*. Porto Alegre: Tchê/RBS, 1984.
- TRAVAGLIA, L. C. "Uma introdução ao estudo do humor na lingüística." *D.E.L.T.A.* 6, 1: 55-82, 1990.
- TREVISAN, L. *O que todo cidadão precisa saber sobre o pensamento militar brasileiro*. São Paulo: Global, 1987.